

A QUESTÃO IRLANDESA EM MARX E ENGELS¹

APRESENTAÇÃO

Apresentamos nesta edição da Revista *Novos Rumos*, em nossa já conhecida seção *Clássicos/Documentos*, três excertos importantes da obra de Marx e de Engels sobre a questão irlandesa naqueles idos dos anos 1840, em meio à exploração capitalista avançada da Inglaterra, e as características das lutas de classes no período.

Os dois excertos de Marx, a saber, “A questão irlandesa e a Internacional” e “A questão irlandesa e o proletariado”, foram extraídos da carta enviada por Marx a Ludwig Kugelmann, em 29 de novembro de 1869.

O terceiro e último excerto foi extraído de capítulo onde Engels trata do tema em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, escrito entre setembro de 1844 e março de 1845, e já conhecido em tradução no Brasil, desde alguns anos. Os dois excertos de Marx são conhecidos em tradução de Portugal, mas seguem em edição brasileira pela primeira vez.

A questão irlandesa foi um dos grandes problemas nacionais que absorveram a Marx e Engels durante os mesmos anos em que se luta pela unificação alemã. A Irlanda, “diferentemente de Gales e da Escócia, não dissolveu a sua fisionomia nacional, embora as epidemias de fome, as repressões levadas até o extermínio, emigrações, o despojo das terras” e, conseqüentemente, a implantação compulsória de colonos ingleses, “quase eliminaram o idioma nacional gaélico” e “misturaram os sangues até suprimir toda identidade racial”.² Por isso, durante o século XIX cresce a resistência nacional irlandesa.³

¹ Seleção e organização dos textos: Angélica Lovatto (UNESP/Marília) e Paulo Barsotti (Professor aposentado da FGV-SP). Fonte dos originais em língua inglesa: *Marxists Internet Archives*, 2004. Direitos de reprodução e de tradução em língua portuguesa reservados por *Editorial “Avante!”*, Edições Progresso Lisboa/Moscovo, 1982.

² Cf. SPILIMBERGO, Jorge Enea. *A questão nacional em Marx*. Florianópolis: Insular, 2002, p.85.

³ Que mais tarde conduzirá à violenta campanha que culminou na Revolução de 1867.

Nos textos selecionados, podem ser observadas pistas de como Marx e Engels passaram a entender o caso irlandês em toda sua dimensão, levando-os a retificar, com o passar do tempo – e com o amadurecimento das condições industriais na Inglaterra – seus prognósticos sobre a possibilidade do desenvolvimento da revolução proletária naquele país. Após sua viagem à Irlanda, em 1856, Engels escreve a Marx sobre algumas observações importantes, entre as quais, a constatação de que “a chamada liberdade dos cidadãos ingleses se funda na opressão das colônias”.⁴ Que os clássicos desta *Seção* nos ajudem a compreender melhor a situação contemporânea do capitalismo e das lutas de classes. Boa leitura.

Os organizadores

Recebido em 10-11-2021
Aprovado em 07-03-2022

⁴ ENGELS, F. (*apud* SPILIMBERGO, *op.cit.*), p.87.

A QUESTÃO IRLANDESA E A INTERNACIONAL⁵

A QUESTÃO IRLANDESA E O PROLETARIADO

KARL MARX

(...) A questão irlandesa e a Internacional

Todos os centros industriais e comerciais da Inglaterra têm agora uma classe operária dividida em dois campos inimigos: proletários ingleses e proletários irlandeses. O operário inglês comum detesta o operário irlandês como um concorrente que rebaixa seu nível de vida, sente-se a seu respeito, como membro de uma nação dominante e torna-se, desta forma, um instrumento de seus aristocratas e capitalistas contra a Irlanda e assim consolida seu poder sobre si próprio. Preconceitos religiosos, sociais e nacionais jogam-no contra o operário irlandês, comporta-se em relação a ele, mais ou menos como os brancos pobres contra os negros, nos antigos estados escravistas da União americana. O irlandês lhe paga na mesma moeda; vê nele simultaneamente o cúmplice e o instrumento cego da dominação inglesa na Irlanda.

Este antagonismo é mantido artificialmente e atizado pela imprensa, pelos sermões, revistas humorísticas, enfim, por todos os meios de que dispõem as classes no poder. Este antagonismo constitui o segredo da impotência da classe operária inglesa, a despeito de sua boa organização. É também o segredo da força persistente da classe capitalista, que disto se dá conta perfeitamente.

Mas o mal não acaba aí. Ele atravessa o oceano. O antagonismo entre ingleses e irlandeses é a razão oculta do conflito entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Ele impede qualquer colaboração séria e sincera entre as classes operárias dos dois países. Ele

⁵ Os dois excertos foram selecionados a partir da carta enviada por Marx a Ludwig Kugelmann, em 29 de novembro de 1869. Fonte dos originais em língua inglesa: *Marxists Internet Archives*, 2004. Direitos de reprodução e de tradução em língua portuguesa reservados por *Editorial "Avante!"*, Edições Progresso Lisboa/Moscovo, 1982. Organizadores desta *Seção Clássicos-Documentos*: Angélica Lovatto (Professora UNESP-Marília) e Paulo Barsotti (Professor aposentado FGV-SP).

permite aos dois governos mascarar, quando lhes convém, o conflito social, excitando os dois países um contra o outro e, em caso de necessidade, provocando uma guerra.

A Inglaterra, metrópole do capital, potência até agora dominante no mercado mundial, é no momento o país mais importante para a revolução operária e além disso o único país onde as condições materiais desta revolução chegaram a um certo grau de maturidade. Por isso, a Associação Internacional dos Trabalhadores visa, antes de mais nada, acelerar a revolução social na Inglaterra. E o único meio de conseguí-lo é tornar a Irlanda independente.

Eis porque a Internacional deve sempre dar prioridade ao conflito entre a Inglaterra e a Irlanda, tomando abertamente o partido desta última. A tarefa especial do Conselho Central em Londres é despertar na classe operária inglesa a consciência de que a emancipação nacional da Irlanda não é para ela uma abstrata questão de justiça e de humanitarismo, mas a condição primeira de sua própria emancipação social.

* * *

A questão irlandesa e o proletariado

(...)

Minha intervenção na questão da amnistia irlandesa e além disso, a proposta que fiz, de discutir no Conselho Geral,⁶ a posição que a classe operária inglesa deve adotar a respeito da Irlanda e sobre ela deliberar, tudo isto naturalmente não tinha outro objetivo senão falar abertamente e de forma decisiva a favor dos irlandeses oprimidos, contra seus opressores.

Pouco a pouco cheguei à convicção, falta apenas inculcá-la na classe operária inglesa, de que ela nada poderá fazer de decisivo, aqui na Inglaterra, enquanto não romper da maneira mais clara, em sua política irlandesa, com a política das classes dominantes; enquanto não associar seus interesses aos dos irlandeses, também não tomará a iniciativa de dissolução da União forçada de 1801 e de sua substituição por uma confederação igualitária e livre. É preciso visar esta meta, não por simpatia à Irlanda, mas como uma reivindicação no próprio interesse do proletariado inglês. Senão, o povo inglês continuará a ser tutelado pelas classes dirigentes, pois ele é obrigado a unir-se a elas para enfrentar a Irlanda. Todo movimento popular, na própria Inglaterra, está paralisado de antemão pela contenda com os irlandeses que constituem, na própria

⁶ Da I Internacional.

Inglaterra, uma fração muito importante da classe operária. Aqui, a condição primeira da emancipação - a derrubada da oligarquia agrária - é impossível, pois não se poderá "tomar de assalto a cidadela" enquanto a aristocracia fundiária preservar, na Irlanda, seus postos avançados fortemente entrincheirados. Em contrapartida, assim que a causa do povo irlandês estiver em suas próprias mãos, assim que ele se torne seu próprio legislador, assim que passe a governar a si mesmo e goze de sua autonomia, o aniquilamento da aristocracia fundiária (em grande parte os mesmos indivíduos que os latifundiários) tornar-se-á infinitamente mais fácil que aqui. Na Irlanda, o problema não é somente de ordem econômica: a questão nacional coloca-se ao mesmo tempo, pois os latifundiários irlandeses não são, como na Inglaterra, os tradicionais dignatários e representantes, mas os odiados opressores da nação irlandesa. Não somente a evolução social interna da Inglaterra está paralisada pelas relações existentes com a Irlanda, mas também sua política externa e sobretudo sua política com a Rússia e os Estados Unidos da América.

Sendo incontestavelmente a classe operária inglesa que fará pender a balança em prol da emancipação social, convém aí aplicar a alavanca. Na realidade, foi a Irlanda que provocou a perda da República de Cromwell. Non bis in idem! (Que não ocorra outra vez!). Os irlandeses inflingiram uma boa peça ao governo inglês elegendo membro do Parlamento o convicto conspirador O'Donovan Rossa. Os jornais governamentais já ameaçam com uma nova suspensão do Habeas Corpus Act, com um novo terror! De fato, a Inglaterra jamais governou a Irlanda senão empregando o terror mais ignóbil e a corrupção mais detestável, e, enquanto subsistirem as condições atuais, nunca poderá governá-la de outra forma.

Recebido em 10-11-2021

Aprovado em 07-03-2022

A QUESTÃO IRLANDESA⁷

EM A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA

FRIEDRICH ENGELS

(...)

A IMIGRAÇÃO IRLANDESA

Já aludimos, em várias passagens, aos irlandeses que vieram instalar-se na Inglaterra: devemos, agora, examinar mais de perto as causas e os efeitos dessa imigração.

O rápido desenvolvimento da indústria britânica não teria sido possível se a Inglaterra não dispusesse de uma reserva – a numerosa e pobre população da Irlanda. Os irlandeses, em sua terra, nada tinham a perder e, na Inglaterra, muito a ganhar; e desde que se difundiu na Irlanda a notícia de que, a oriente do canal de St. George, qualquer homem robusto tinha a possibilidade de encontrar um trabalho seguro e um bom salário, grupos de irlandeses atravessaram-no todos os anos. Calcula-se que até hoje imigraram mais de 1 milhão de pessoas e que, ainda agora, 50 mil chegam anualmente à Inglaterra. Quase todos os irlandeses se radicam nas áreas industriais, em especial nas grandes cidades, onde constituem a classe mais baixa da população. Assim, há 120 mil irlandeses pobres em Londres, 40 mil em Manchester, 34 mil em Liverpool, 24 mil em Bristol, 40 mil em Glasgow, 29 mil em Edimburgo. Essas pessoas, que cresceram quase sem conhecer os benefícios da civilização, habituadas desde a infância a privações de toda a sorte, brutais, alcoólatras, pouco se importando com o futuro, chegam trazendo os seus costumes grosseiros para o seio de uma classe da população inglesa que, na verdade, não conta com nenhum estímulo para inclinar-se à cultura e à moralidade. Passemos a palavra a Thomas Carlyle.

Em todas as nossas ruas principais e secundárias, podemos ver os ferozes rostos milesianos,⁸ que exsudam falsa malícia, maldade, irracionalidade, miséria e escárnio. O carroceiro inglês, passando pelo milesiano, chicoteia-o, mas ele, amaldiçoando o

⁷ Extraído de *Maxists Internet Archives*, 2004. Engels escreveu o livro entre setembro de 1844 e março de 1845. Foi publicado pela primeira vez em Leipzig, no próprio ano de 1845. A versão em língua inglesa, autorizada por Engels, foi publicada em 1887 em Nova York e em Londres, em 1891. A publicação em inglês no site do *Marxists Archives* foi autorizada pelo Instituto Marxismo-Leninismo de Moscou, a partir da Panther Edition, 1969. Organizadores dessa *Seção Clássicos-Documentos*: Angélica Lovatto (UNESP-Marília) e Paulo Barsotti (Professor aposentado FGV-SP).

⁸ Miles é o nome dos antigos reis celtas da Irlanda.

inglês em sua língua, estende o chapéu pedindo uma esmola. Ele representa o pior mal que este país tem de combater. Com seus farrapos e seus hábitos selvagens, está sempre pronto para qualquer trabalho que só exija braços fortes e espáduas largas, em troca de um salário que lhe permita comprar batatas. Para tempero, basta-lhe o sal; dorme, plenamente satisfeito, na primeira pocilga ou canil que encontra; aninha-se nos celeiros e usa trapos como roupa, cujo estado é tal que vesti-la ou despi-la é uma das operações mais difíceis, à qual só procede em dias de festa ou em ocasiões especiais. O saxão que, em tais condições, não pode trabalhar, permanece desempregado. O irlandês incivilizado, não por sua força, mas por sua grosseria, desloca o saxão nativo e apodera-se de seu lugar. E vive na sujeira e no desleixo, com sua violência e sua hipocrisia, verdadeiro fermento de degradação e de desordem. Quem quer que se esforce ainda por nadar, por viver à superfície, encontra aqui um exemplo de como o homem pode existir sem nadar, chafurdando no fundo... Quem não vê que a situação da massa mais humilde dos operários ingleses se aproxima cada vez mais à dos irlandeses, que concorrem com eles em todos os campos? Quem não verifica que qualquer trabalho que só exija força física e pouca habilidade é pago não pela escala inglesa, mas a um preço vizinho ao salário irlandês, ou seja, pouco mais do que é necessário “para meia ração da pior batata por trinta semanas ao ano” – e que a distância entre esses salários diminui cada vez que nos chega um navio da Irlanda?

Em tudo a razão assiste a Carlyle, exceto no que diz respeito à condenação exagerada e unilateral do caráter nacional dos irlandeses. Esses trabalhadores irlandeses, que pagam quatro pence para serem transportados – amontoados como gado na ponte do navio – para a Inglaterra, instalam-se em todas as partes. As piores habitações são, para eles, boas; não se preocupam com suas roupas, por mais esfarrapadas que estejam; desconhecem o uso de sapatos; as batatas constituem seu único alimento; o que sobra do que ganham, gastam em bebida. Por que essa gente precisaria de um salário alto? Em todas as grandes cidades, os irlandeses vivem nos piores bairros – onde quer que um bairro se distinga particularmente pela sujeira e pela ruína, pode-se ter a certeza de encontrar sobretudo esses rostos celtas, que à primeira vista se diferenciam das fisionomias saxônicas nativas, e de ouvir a cantilena dialetal e aspirada, com o sotaque que o verdadeiro irlandês nunca perde. Inúmeras vezes aconteceu-me ouvir falar o céltico-irlandês nos bairros mais populosos de Manchester. A maior parte das famílias que moram nos porões é, quase sempre, de origem irlandesa. Em resumo, como observa o doutor Kay, os irlandeses descobriram o que é o mínimo de necessidades vitais e o vão ensinando aos operários ingleses. Trouxeram consigo a falta de higiene e o alcoolismo.

No que diz respeito à falta de higiene, que se tornou, entre os irlandeses, uma espécie de segunda natureza, ela não é tão deletéria nos campos, nos quais a população vive esparsa, mas é terrível e perigosa nas grandes concentrações urbanas. Tal como se

habitua a fazer em sua terra, o milesiano joga todo o lixo e a sujeira diante de sua porta, provocando a formação de charcos e de montes de detritos que tornam imundos os bairros operários e irrespirável o ar. Como em sua terra, instala a pocilga ao lado da casa e, se não pode fazê-lo, instala o porco no lugar onde dorme. Essa maneira nova e anormal de criar esse animal nas grandes cidades é de origem exclusivamente irlandesa; o porco está para o irlandês assim como o cavalo está para o árabe, com a diferença de que o milesiano vende o animal quando está gordo a ponto de ser abatido; quanto ao resto, dorme e come com ele, seus filhos brincam com ele, montam-no e espojam-se com ele no lixo, como se pode verificar em todas as grandes cidades inglesas. E não é possível imaginar a sujeira e o desconforto que reinam no interior de sua casa. O irlandês não se acostumou a ter móveis: um monte de palha, alguns trapos completamente inúteis como roupas, eis a sua cama. Pedacos de madeira, uma cadeira quebrada e um velho caixote como mesa lhe bastam; uma chaleira, poucas panelas e tigelas de barro equipam a cozinha, que serve simultaneamente de sala de jantar e de quarto de dormir. Quando falta o combustível para o aquecimento, queima o que tiver à mão: caixas, batentes de portas e, supondo que existam, cadeiras e assoalho. Por outro lado, por que precisaria de mais espaço? Em seu país, seu casebre de palha e argila oferecia uma única peça, que bastava para todas as necessidades familiares; na Inglaterra, também um só cômodo as atende – assim, esse amontoado de pessoas num compartimento único, agora tão difundido, foi introduzido principalmente pela imigração irlandesa.

Um pobre diabo como esse deve experimentar pelo menos um prazer qualquer; a sociedade o excluiu de todos, exceto um – o de ir beber aguardente à taberna. Para o irlandês, a aguardente é a única coisa que torna a vida digna de ser vivida; a aguardente e, claro, seu temperamento desleixado e jovial; eis por que se entrega à bebida até a mais completa embriaguês. Tudo, no irlandês, favorece o alcoolismo: seu caráter meridional, frívolo, sua grosseria, que o situa quase ao nível de um selvagem, seu desprezo pelos prazeres mais elevados, que não sabe apreciar em função de sua rudeza, a falta de higiene e a miséria. A tentação é muito forte, ele não resiste e bebe todo o dinheiro que ganha. Como poderia ser diferente? Como pode a sociedade – que o relega a uma situação em que se tornará alcoólatra quase por necessidade, deixa-o embrutecer-se e não se preocupa com ele – acusá-lo quando, de fato, ele se torna um bêbado?

É contra esse concorrente que é obrigado a competir o operário inglês: um concorrente que ocupa o lugar mais baixo da escala social que pode existir num país civilizado e que, por isso, contenta-se com um salário inferior ao de qualquer outro

trabalhador. Por isso, é inevitável, como Carlyle observou, que o salário do trabalhador inglês seja sempre mais reduzido em todos os setores em que o irlandês possa concorrer com ele. E tais setores são inúmeros: todos aqueles em que se exige pouca ou nenhuma habilidade. É verdade que o irlandês – instável, volúvel e beberrão – tem dificuldades para adaptar-se a trabalhos que exigem uma aprendizagem mais longa e a atividades mais regulares e constantes. Para tornar-se um operário-mecânico (na Inglaterra, todo trabalhador ocupado na fabricação de máquinas é um mechanic), ele teria, antes de mais nada, de assimilar a civilização e os costumes ingleses – em suma, deveria tornar-se substantivamente inglês. Mas em qualquer trabalho simples, menos preciso, que requeira mais força que habilidade, o irlandês é tão bom quanto o inglês. Por isso, justamente tais setores de trabalho foram invadidos pelos irlandeses, que se tornaram sobretudo tecelões manuais, serventes de pedreiro, carregadores, jobbers etc. e essa invasão contribuiu muito para reduzir os salários e aviltar o nível de vida dos trabalhadores.

Contudo, mesmo os irlandeses que se inseriram em outros tipos de trabalho e foram obrigados a civilizar-se carregam ainda as marcas de seu modo de vida anterior, exercendo sobre seus companheiros de trabalho ingleses uma influência degradante (sem falar da influência dos próprios círculos irlandeses). Com efeito, se considerarmos que, em cada grande cidade, um quinto ou um quarto dos operários são irlandeses, ou filhos de irlandeses que cresceram na sujeira irlandesa, não haverá razão para espanto quando verificarmos que, na existência do conjunto da classe operária – em seus costumes, em seu nível intelectual e moral, em suas características gerais –, estão assimilados muitos componentes irlandeses. E poderemos compreender como a indigna situação dos trabalhadores ingleses, gerada pela indústria moderna e suas consequências imediatas, foi ainda mais degradada pela concorrência irlandesa.

Recebido em 10-11-2021

Aprovado em 07-03-2022